

EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA: atividades e experiências do Pós-doutoramento na UFMS/CPTL

COUNTRYSIDE EDUCATION AND AGROECOLOGIA: postdoctoral activities and experiences at UFMS/CPTL

Edevaldo Aparecido Souza[1]

[1] Professor Dr. do Curso de Geografia da UEG Campus Quirinópolis. Concluindo Pós-Doutoramento na UFMS/CPTL, sob a Supervisão da Profa. Dra. Rosemeire Aparecida de Almeida. ediueg@gmail.com

RESUMO: Este texto relata as atividades realizadas junto ao Programa de Pós-Doutorado da UFMS-CPTL nos anos de 2015 e 2016, com destaque para a participação e publicação em eventos científicos; publicação de artigos em periódicos; participação nos estudos e ministração de aulas/palestras; contribuição na organização das Sacolas e da Feira de Transição Agroecológica; participação em trabalhos de campo; visita a uma etapa do Tempo Comunidade do Curso de Graduação em Educação do Campo UFGD; dentre outras. Metodologicamente as atividades foram planejadas a partir das programações internas e externas já definidas, bem como o planejamento de atividades específicas originadas pela presença do bolsista do Programa de Pós-Doutorado. Foram atividades empíricas e teóricas que fomentaram debates importantes acerca dos temas Educação no/do Campo e Transição Agroecológica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do campo. Transição agroecológica. Doutorado.

ABSTRACT: This text reports activities carried out in the Postdoctoral Program at UFMS-CPTL between 2015 and 2016, laying emphasis on the participation and publication in academic events; publication of papers in journals; participation in studies and classes/lectures; contribution to organizing bags with produce and Agroecological Transition Fair; participation in field works; visiting pedagogical initiatives involving the community and the Undergraduate Course in Countryside Education; among others. Concerning methodology, the activities were planned taking into account internal and external pre-defined programs, as well as planning specific activities derived from the presence of the postdoctoral program grantee. Empirical and theoretical activities fostered important debates regarding Education in/of the Country and Agroecological Transition.

KEYWORDS: Countryside Education. Agroecological Transition. Postdoctoral studies.

INTRODUÇÃO

Este texto é parte do relatório de atividades de Pós-Doutoramento realizado entre agosto de 2015 a julho de 2016, apresentando as atividades realizadas pelo Programa de Pós-Doutorado da UFMS-CPTL, junto ao Laboratório de Estudos Territoriais (LABET) e do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET). A pesquisa de campo na escola Municipal São Joaquim pautou o objetivo

principal das atividades propostas, haja vista a grande preocupação com o desmonte da educação para a permanência dos camponeses no campo. No entanto, neste texto apresentaremos apenas a participação nas atividades executadas pelo NEDET, bem como breve discussão a respeito dos temas envolvidos.

Quanto aos resultados da pesquisa, cujo objetivo foi investigar e debater as práticas educativas como contributo das relações históricas determinadas pelas atividades produtivas nos assentamentos de reforma agrária de Selviria, a partir do debate teórico da educação no/do campo, está submetido à publicação em periódico. Contudo, também nas atividades aqui apresentadas, a discussão partiu-se do pressuposto que a proposta pedagógica hegemônica a serviço dos interesses do capital, tem sufocado a pedagogia do saber fazer camponês, práticas herdadas de várias gerações, mas a educação formal e o discurso do capital tem se encarregado de colocá-la no esquecimento ou no descrédito.

Desse modo, as atividades realizadas foram importantes para a formação do conhecimento empírico e teórico. Dentre essas, a participação e publicação em eventos científicos locais, nacionais e internacionais; publicação de artigos em periódicos; participação nos estudos do grupo GETT; participação nos estudos e ministração de aulas/palestras; contribuição na organização das Sacolas e da Feira Agroecológica; participação em trabalhos de campo; visita a uma etapa do Tempo Comunidade (Pedagogia da Alternância) do Curso de Graduação em Educação do Campo UFGD; Trabalhos de campo para coleta de dados para a pesquisa deste projeto; dentre outras.

A seguir serão apresentadas as principais atividades desenvolvidas com os variados grupos que são atendidos/estudados pelas equipes de trabalhos do LABET. Embora parte dos trabalhos a serem apresentados continue em plena atividade, os relatos estarão com conjugação verbal no passado por conta do recorte temporal, ou seja, o projeto foi realizado de agosto de 2015 a julho de 2016.

As sacolas e a feira com produtos de transição agroecológica

Todas as terças feiras o Laboratório de Estudos Territoriais (LABET) se encarrega de distribuir as sacolas com produtos de transição agroecológica (Figuras 1 e 2) do Projeto de Extensão “Dinamizando a Agricultura Familiar e o Consumo Agroecológico em Três Lagoas-MS”.

Este projeto consiste em identificar as experiências agroecológicas nos

assentamentos e no Cinturão Verde de Três Lagoas e as demandas de consumo agroecológico junto à comunidade acadêmica do CPTL como contribuição à educação popular e à perspectiva agroecológica. De acordo com o projeto é preciso reforçar essa experiência alternativa da pequena propriedade familiar voltada para o autoconsumo e produção de excedente, “apesar da hegemonia nesta região da propriedade capitalista da terra voltada à pecuária e eucalipto” (ALMEIDA, 2015, p.4).



Figura 1: Projeto de extensão das sacolas com produtos de transição agroecológicas

Fonte: RUFINO/ Hoje Mais, 2015.



Figura 2: Distribuição das sacolas de transição agroecológicas

Fonte: SOUZA, Edevaldo A., 2016.

Segundo Caporal e Costabeber (2000, p.365) a transição agroecológica “não implica somente numa maior racionalização econômico-produtiva com base nas especificidades biofísicas de cada agroecossistema, mas também numa mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais”.

Para Machado e Machado Filho (2014, p.21) “a agroecologia é uma ciência dialética. Como tal, não tem dogmas nem receitas, porém tem princípios. É o caminho mais racional para a produção de alimentos limpos”. Em outras palavras:

[...] a agroecologia, como forma de agricultura e como a entendemos, retoma as concepções agronômicas de produção pré-revolução verde. Apropria-se dos imensos progressos da ciência e da tecnologia dos últimos 50 anos que se conformam em técnicas produtivas com a incorporação das questões sociais, políticas, culturais, ambientais, energéticas e éticas, tendo sempre presente a escala. Esta a agricultura para os novos tempos, que dispõem de saberes, desde os ancestrais aos atuais, e está apta a pô-lo em prática [...] (MACHADO E MACHADO FILHO, 2014, p.35).

A partir dessa ideia, mesmo com grande contribuição da Ciência, o saber/fazer camponês é incontestável para esse método de produção agrícola. Busca-se uma alimentação saudável e essa passa pela produção e pelo consumo, mas é preciso repensar também as relações entre produtor e consumidor, ou seja, aproximá-los numa troca de autonomia para as escolhas do que plantar e do que consumir. “Esta situação pode ser mais plenamente atingida na escala da comunidade, [...] visando ser plataforma de identificação e diagnóstico das potencialidades de produção e consumo agroecológicos locais” (ALMEIDA, 2015, p.5).

O projeto, executado em 2015 e 2016¹, foi uma parceria entre os produtores agroecológicos e professores, técnicos administrativos e alunos da UFMS/CPTL. Ao final de 2015 eram comercializadas pouco mais de sessenta sacolas, contendo sete itens, sendo quatro de folhas e três de legumes e/ou tubérculos.

Em 2016 o número de sacolas diminuiu em função do início de mais uma modalidade: a feira agroecológica (Figura 3). Todas as quintas feiras uma banca foi montada no pátio da UFMS e os produtos agroecológicos organizados e disponíveis para a comercialização direta entre produtor e consumidor. Para o segundo semestre de 2016 mais um grupo de sacolas seriam incluídas na distribuição, também nas quintas feiras.

¹ Continua em vigor também em 2017.



Figura 3: Feira de produtos da transição agroecológica
Fonte: SOUZA, Edevaldo A., 2016.

Nas feiras os consumidores adquirem aqueles produtos que tenham maior preferência. Com relação as sacolas há um compromisso mútuo que, de um lado os produtores organizam os produtos nas sacolas ainda no campo e levam-nas prontas para a UFMS, de outro os consumidores pagam semanalmente ou mensalmente um valor único. Essa experiência trouxe um excelente resultado, visto que os produtores têm um bom faturamento extra e seguro todo mês, enquanto os professores, técnicos administrativos e alunos têm a oportunidade de se alimentar com produtos saudáveis, livres de herbicidas e inseticidas químicos.

Feira de Sementes Nativas e Crioulas e de Produtos Agroecológicos

Dentre as participações em eventos destacam-se, neste texto, aquelas propostas que se interconectam com o tema proposto para o Pós-doutoramento e com as atividades do grupo LABET, como a feira de sementes, o encontro de mulheres camponesas e as oficinas de Educação no Campo.

A 12ª feira de Sementes Nativas e Crioulas e de Produtos Agroecológicos, organizada todos os anos em Juti/MS, no ano de 2016 aconteceu nos dias de 15 a 17 de julho (Figura 4). Estiveram presentes vinte pessoas de Três Lagoas ligadas à UFMS e das experiências agroecológicas no Assentamento Vinte de Março e do Cinturão Verde.



Figura 4: Feira de Sementes Nativas e Crioulas e de Produtos Agroecológicos em Juti/MS

Fonte: SOUZA, Edevaldo A., 2016.

Além da exposição e trocas de sementes crioulas e dos produtos agroecológicos e artesanais para comercialização, o evento realizou seminários, mesas redondas, oficinas e minicursos sobre variadas temáticas dentro do contexto de produção agroecológica e conservação de sementes crioulas.

Primeiro Encontro de mulheres camponesas

Mais de 300 mulheres camponesas do Bolsão Sul-Matogrossense, se encontraram em Paranaíba/MS (Figura 5) para debater sobre as condições de vida e da lida da roça, bem como os problemas específicos na luta pela e na terra e o acesso às políticas públicas voltadas especialmente a elas.

De acordo com as organizadoras foi um evento que mesclou debates, palestras, apresentações culturais e uma feira dos produtos da agricultura familiar camponesa (Figura 6). Com certeza foi um marco histórico para as mulheres camponesas do Bolsão² e o início do processo de organização do comitê de mulheres do Território.

² Em 2017 já aconteceu o 3º Encontro da mulheres camponesas



Figura 5: Encontro mulheres camponesas do Bolsão Sul-Matogrossense em Paranaíba/MS
Fonte: SOUZA, Edevaldo A., 2016.



Figura 6: Feira de produtos das mulheres camponesas do Bolsão Sul-Matogrossense
Fonte: SOUZA, Edevaldo A., 2016.

As palestras proferidas durante o evento contribuíram para que elas se assumam como mulheres trabalhadoras, como agricultoras, como camponesas e não como simples “ajudantes” do marido ou como “domésticas” ou “do lar”.

Oficinas Educação no/do Campo na Escola São Joaquim

Duas propostas foram elaboradas para debater sobre a Educação no/do Campo na Escola do Campo São Joaquim, no Assentamento de mesmo nome, município de Selvíria/MS. A primeira, uma oficina de um dia para os professores e gestores de todas as escolas do campo do Bolsão Sul-Matogrossense, a segunda,

um Projeto de extensão para os professores e gestores da escola São Joaquim para ministração de 13 oficinas ao longo de 2016.

O debate sobre a Educação no/do Campo como ação pedagógica alternativa de construção das práticas educacionais nos assentamentos, objetiva priorizar a produção agroecológica, extração, transformação e consumo dos frutos do Cerrado e valorização dos modos de vida camponesa. Segundo Jesus (2010, p. 134), “essa prática pedagógica propõe uma ação articulada com o meio social e profissional da realidade camponesa”, o que contrapõe ao modelo de formação ideológica do capital e as desigualdades sociais promotoras da reconcentração de terras. Entende-se, a partir da discussão de Almeida (2014), que o debate marxista, na questão do papel do campesinato e da agroecologia, pensando na construção de uma sociedade justa, obriga-nos ao comprometimento da defesa da (re)criação da agricultura familiar camponesa e da produção agroecológica.

As oficinas objetivaram apresentar e debater sobre as práticas educativas nas áreas rurais com escolas do campo do Bolsão Sul-Matogrossense, que perpassam por instituições diversas e antagônicas de modelos de construção do saber, que reforçam (ou não) a continuidade da produção e do modo de vida camponês, pautado em valores de defesa do Cerrado e da produção agroecológica.

Pensa-se, conforme Fernandes e Molina (2004) em um projeto de educação dos e não para os camponeses. A Educação do Campo se identifica com o formato de ensino-aprendizagem dos camponeses objetivando a estes assumirem a condição de sujeitos e a direção dos seus destinos. Sempre que houve algum projeto pedagógico ou política educacional, poucas vezes foram elaborados com e pelos sujeitos do campo (CALDART, 2004).

Compreende, a partir do posicionamento de Caldart (2004) não haver compatibilidade entre a Educação do Campo e o modelo de agricultura capitalista do Brasil do latifúndio e agronegócio, pelo fato de que eles representam a exclusão da maioria dos camponeses. Para Fernandes e Molina (2004, p.71), “o capitalismo faz crer que todos são iguais perante o mercado” e, como contraponto a essa concepção, reforçam o debate de um novo paradigma a cerca da Educação do Campo, que vem sendo construído pelos grupos sociais do campo e que “rompe com o paradigma da educação rural, cuja referência é a do produtivismo, ou seja, o campo somente como lugar da produção de mercadorias e não como espaço de vida”. Conforme os autores, “O movimento por uma Educação do Campo recusa essa visão,

concebe o campo como espaço de vida e resistência, onde camponeses lutam por acesso e permanência na terra [...]” (FERNANDES E MOLINA, 2004, p.63).

Diante da necessidade do debate a cerca da questão, conforme nos ensina Brandão (2002), o homem ensina o saber daquilo que sabe sobre as relações de pessoas, objetos e ideias. Nessa perspectiva, as duas propostas de oficinas sobre a Educação no/do Campo na Escola do Campo São Joaquim perpassam por essa discussão teórico-metodológica.

Oficina Educação do Campo para os professores e gestores das Escolas do Campo do Bolsão Sul-Matogrossense

No dia 05 de dezembro de 2015, no período matutino, foi ministrada a oficina para professores das escolas do campo do Bolsão Sul-Matogrossense “Paradigmas políticos, sociais e educacionais da Educação do Campo: a valorização dos saberes locais” (Figura 7), ministrada pela Professora Dra. Mirian Lange Noal (CED/EaD/UFMS).



Figura 7: Oficina “Paradigmas políticos, sociais e educacionais da Educação do Campo: a valorização dos saberes locais”
Fonte: SOUZA, Edevaldo A., 2016.

A oficina com os alunos do 9º ano e Ensino Médio da Escola Municipal São Joaquim do Assentamento de mesmo nome sobre o aproveitamento e receitas elaboradas com frutos do Cerrado, foi ministrada pelo Prof. Ms. Paracy Corrêa Neves e acadêmicos (UEG Campus Quirinópolis) e atividades práticas com os alunos do Ensino fundamental da mesma escola, ministradas por acadêmicos da UFMS integrantes do LABET. A tarde uma conferência e debate sobre a Educação do

Campo e os pressupostos teórico-metodológicos, ministrada pelo Professor Dr. Rodrigo Simão Camacho (UFGD).

Oficinas sobre Educação do Campo como atividade de Projeto Extensão

O Projeto de Extensão “Formação continuada de Educação no/do Campo para professores e gestores da Escola Municipal Rural São Joaquim – Selvíria (MS)”, iniciou-se no mês de abril de 2016. No primeiro semestre foram ministradas: a primeira oficina no dia 19 de abril com o tema “Educação no/do campo: concepções teórico-metodológicas e político-ideológicas”, pelo Prof. Dr. Rodrigo Simão Camacho (Figura 8); a segunda, dia 20 de abril, pela Profa. Dra. Mirian Lange Noal, com o tema “Educação no/do campo - princípios e temas”; a terceira, ministrada pela Profa. Ms. Eliana Menossi da Silva Floriano ocorreu no dia 04 de maio com o tema “A Educação no/do campo e a relação campo-cidade” (Figura 9).



Figura 8: Atividade prática na oficina ministrada pelo Prof. Dr. Rodrigo Simão Camacho
Fonte: SOUZA, Edevaldo A., 2016.

A quarta, dia 7 de junho com o tema “Leitura em meios populares: uma abordagem campo-cidade”, ministrada pela Prof. Dra. Ana Lucia Espindola; dia 22 de junho foi a quinta, ministrada pelo professor Edevaldo Aparecido Souza, com o tema “Educação do/no campo e as relações socioculturais”; e a sexta foi ministrada pelos Professores Me. Mieceslau Kudlavcz e Me. Mariana Santos Lemes sobre a “Educação do/no campo e currículo”.



Figura 9: Oficina “A Educação no/do campo e a relação campo-cidade” ministrada pela Profa. Ms. Eliana Menossi da Silva Floriano
Fonte: SOUZA, Edevaldo A., 2016.

As oficinas prosseguiram no segundo semestre de 2016, no entanto as atividades de Pós-Doutorado encerraram no mês de julho, ficando a cargo de outra pessoa, a coordenação das atividades futuras deste projeto.

Oficinas sobre Educação do Campo em Paranaíba e em Chapadão do Sul

No dia 11 de junho de 2016 aconteceram duas oficinas, simultaneamente, sobre Educação do Campo, uma em Paranaíba e outra em Chapadão do Sul, ambas em Mato Grosso do Sul. Estas oficinas foram organizadas pelo NEDET, com envolvimento em todo o processo, nas visitas e propostas de organização e outras formas de contatos, na preparação de materiais de divulgação, na participação das oficinas no dia 11 e na confecção dos certificados.

A Oficina em Paranaíba (Figura 10) teve como tema “Desafios das Escolas do Campo: princípios, planejamentos e currículo na contra-corrente”, ministrada pela Profa. Dra. Mariana Esteves de Oliveira da UFMS-LEDUCAMPO), em dois períodos e contou, na parte da manhã com a presença de 76 professores e 55 à tarde. A avaliação foi positiva, é um grupo que já tem experiência com a proposta da educação do Campo, muitos destes professores fizeram a Pós-Graduação *Latu Sensu* em Educação pela Leducampo. Ficou definido que esses estudos precisam ter continuidade, delegando à Coordenadora Maria Ângela Pereira Pedroso a tarefa de programar outros encontros de aprofundamentos.



Figura 10: Profa. Dra. Mariana Esteves de Oliveira que ministrou a Oficina

Fonte: SOUZA, Edevaldo A., 2016.

Em Chapadão do Sul a Profa. Me. Sirlete Augusto Lopes da Escola Família Agrícola Rosalvo Rocha (EFAR) de Maracaju/MS ministrou a Oficina “Educação do Campo e os desafios nas escolas do campo” (Figura 11). Nesta oficina participaram 25 professores da escola do Assentamento Aroeira, da escola da comunidade de Pedra Branca e da escola do núcleo residencial da usina de álcool IACO. Os professores lecionam no campo, mas todos residem na cidade, com exceção de uma professora que mora no assentamento Aroeira.



Figura 11: Profa. Me. Sirlete Augusto Lopes que ministrou a Oficina “Educação do Campo e os desafios nas escolas do campo”

Fonte: KUDLAVICZ, Mieceslau, 2016.

Houve uma heterogeneidade quanto ao público, visto que parte é de

assentados, outra de funcionários da usina e outra de pequenos (ou médios) proprietários já muito bem estruturados economicamente e isso dificultou a compreensão da proposta da Educação do Campo. Ficou como encaminhamento uma proposta de se realizar atividades por escola para a elaboração de um referencial curricular. Atualmente estão usando o apostilado do Positivo, mas segundo o diretor este (2016) seria o último ano.

Feirinha de alimentos na Escola São Joaquim

Uma atividade peculiar e valiosa foi a realização da “1ª Feirinha da agricultura familiar” com alunos do 1º ao 4º anos do Ensino Fundamental da Escola do Campo São Joaquim. Os alunos trouxeram alimentos *in natura* e processados de casa para serem vendidos no pátio da escola (Figura 12) a baixo custo, a maioria a um real, e o valor arrecadado ficou para as demandas da escola. A feira ocorreu no dia 14 de junho de 2016 e a professora de raciocínio lógico coordenou e executou o projeto.



Figura 12: Alunos na organização e execução da 1ª Feirinha
Fonte: SOUZA, Edevaldo A., 2016.

A avaliação dessa atividade foi muito positiva por todos os professores, pelos alunos e pela gestão. A avaliação foi a de que a Feirinha deve ter continuidade e também pode servir de exemplo para outras escolas do campo, como uma forma de valorização da produção do campo e de aumentar a autoestima das crianças pelos produtos/alimentos da roça.

Considerações Finais

Essa experiência reforça a ideia de que os camponeses buscam estratégias para permanecer no campo, nas suas atividades agrícola ou leiteira, como necessidade de se reafirmarem como sujeitos sociais da história e a Educação do Campo e a agroecologia são estratégias importantes nessa perspectiva. A experiência desse tema e do contato com os assentados do Projeto de Assentamento São Joaquim e com professores, gestores e alunos da Escola do Campo São Joaquim foi essencial para o crescimento intelectual e pessoal. Além das leituras foi possível compreender as necessidades, os anseios e as dificuldades enfrentadas, tanto das famílias assentadas, como dos sujeitos que fazem a escola do campo.

Muitos aprendizados foram incorporados a partir das atividades com os colegas pesquisadores do LABET e NEDET, sobretudo as orientações da Profa. Dra. Rosemeire Aparecida de Almeida, supervisora nesse estágio de Pós-Doutorado. Desse modo, pela ampliação dos conhecimentos e do amadurecimento teórico do tema, foi possível publicações; participação e organização de eventos; elaboração de pareceres para congressos e livros, palestras e debates entre os pares.

Bibliografia

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. Questão agrária, internacionalização e crise agroambiental. In: **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**. Edição especial do XXI ENGA-2012, p. 1-27, jun., 2014. Disponível em: <<http://migre.me/wlFNj>>. Acesso em 18/05/2015.

_____. **A nova fronteira do eucalipto e a crise da reforma agrária**. Disponível em: <<http://migre.me/wlFOP>>. Acesso em 18/05/2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

CALDART, Roseli Salete. Elementos para a construção de um projeto político e pedagógico da Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos A. De (Org.). **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Brasília: Articulação Nacional "Por Uma Educação do Campo", 2004, p. 13-52.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural. In: *Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, v.1, n.1, p.36, Porto Alegre, 2000. Disponível em: <<http://migre.me/wjlYg>>. Acesso em 21/03/2017.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. O campo da Educação do Campo. *In*: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos A. De (Org.). **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Brasília: Articulação Nacional "Por Uma Educação do Campo", 2004, p. 53-89.

JESUS, José Novais de. Escolas Família Agrícola: perspectivas e desafios na construção de um projeto de educação do campo em Goiás. *In*: SOUZA, Francilane Eulália (Org.). **Geografia e educação do campo**: para que e para quem serve a educação no campo do Estado de Goiás? Goiânia: Editora Vieira, 2010, p. 133-156.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro; MACHADO FILHO, Luiz Carlos Pinheiro. **A dialética da Agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

RUFINO, Guta. Professor da Espanha troca experiência com acadêmicos de Três Lagoas. *In*: Hoje Mais. 26/09/2015 Disponível em: <<http://migre.me/wIFPI>>. Acesso em: 27/10/2016.

Recebido em: 23/03/2017

Aceito para publicação em: 29/11/2017